RAIMUNDA RIBEIRO, LÍDIA OLIVEIRA & CASSIA FURTADO

ufmamidias@hotmail.com; lidia@ua.pt; cassia.furtado@ufma.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, BRASIL | UNIVERSIDADE DE
AVEIRO, PORTUGAL | UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, BRASIL**

COMPORTAMENTO INFOCOMUNICACIONAL EM AMBIENTES DIGITAIS

RESUMO

Este estudo visa compreender o comportamento infocomunicacional dos cientistas da informação vinculados aos programas de pós-graduação em Ciência da Informação e Documentação brasileiros e portugueses, bem como as suas motivações e percepções para a utilização dos ambientes digitais no desenvolvimento das atividades de ensino e pesquisa. Portanto, esta investigação caracteriza-se como um estudo de caso múltiplo, de natureza qualitativa e interpretativa, cuja relevância se situa no campo da Multimídia, Educação e Ciência da Informação. Assim, de acordo com o objetivo traçado, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, de acordo com as diretrizes de Bardin (2014) e Amado (2014), uma vez que se procurou analisar os conteúdos coletados por meio da realização de entrevistas, em conformidade com as respostas dos inquiridos, relacionadas à categoria comportamento infocomunicacional. Como resultado, os sujeitos apontam os ambientes digitais mais utilizados, assim como a sua gestão nos espaços de ensino e investigação, suas percepções, motivações e finalidades de uso, além das limitações e restrições para a utilização dos mesmos, considerando a disparidade existente entre a velocidade de atualização das tecnologias, as limitações financeiras existentes nas universidades públicas e a capacidade de adaptação desses ambientes.

PALAVRAS-CHAVE

comportamento infocomunicacional; programas de pós-graduação; Ciência da Informação e Documentação; Brasil; Portugal

1. INTRODUÇÃO

Os profissionais na contemporaneidade utilizam os ambientes digitais como meios propícios ao desenvolvimento de suas atividades de ensino e investigação, potencializando a comunicação, cooperação, interação,

partilha, produção de conhecimentos, gestão de projetos e formação de parcerias em escala global. Tais ações se revestem em visibilidade do trabalho acadêmico e científico desenvolvido, propiciando o reconhecimento das instituições e dos atores que as representam. No entanto, para que essas ações se concretizem são necessárias competências e habilidades específicas para o uso desses meios, as quais vão além da capacidade de operacionalizar, comunicar e se informar.

Para tanto, torna-se necessário que o professor universitário seja capaz de compreender as dimensões que envolvem a

Cibercultura, articulando uma nova forma de pensar e de se produzir conhecimentos, com uma outra lógica que considera os processos comunicacionais - quase instantâneos – como elementos transformadores das realidades locais. São os twitters, [as] redes de relacionamento sociais [e acadêmicas], [as] plataformas de gestão de aprendizagem, as bases de dados referenciais e textuais], entre tantos outros que trazem novos elementos para a produção e sentido e que desafiam, literalmente, a educação. (Preto & Riccio, 2010, pp. 157-158)

Na verdade, esse processo de interação e partilha em ambientes online promove o desenvolvimento de competências infocomunicacionais, visualizado como um processo social contemporâneo, no qual os profissionais estabelecem critérios de filtro para seleção dos mais variados tipos de informação. Essas informações, quando selecionadas, são consideradas pertinentes a serem utilizadas em suas atividades de ensino e investigação, com o intuito de gerar conhecimentos, tecnologias e metodologias que venham proporcionar ambientes educacionais investigativos mais dinâmicos e interativos.

Assim, as competências infocomunicacionais relacionam-se com o *know-how* adquirido pelos indivíduos “para o acesso e uso da informação, bem como a sua comunicação com outros atores sociais” (Borges & García-Quismond, 2015, p. 4). Isso se traduz no efetivo exercício da cidadania, que se concretiza pela capacidade dos indivíduos em perceber os fatos reais e agir como intervenientes nas deliberações coletivas, com criticidade em prol da obtenção de resultados e benefícios positivos (Lima & Brandão, 2016).

Percebe-se, então, que não basta somente ter competências para aceder aos ambientes digitais, é preciso adquirir novos padrões de comportamentos infocomunicacionais que viabilizem a aquisição de informações

com qualidade e rigor científico na internet. Esta, por sua vez, cresce de forma exponencial diariamente, com velocidade e fluxos de informação incontroláveis. Para tanto, esse tipo de comportamento se apresenta como uma ação necessária à “articulação das práticas informacionais e comunicacionais como relacionamento, socialização, liderança, poder, estruturas, processos, aprendizagem, inteligência, motivação, satisfação, tomada de decisão, ética, dentre outros” (Costa & Ramalho, 2019, p. 134).

Ao partir do princípio que as Instituições de Ensino Superior (IES) e os Institutos de Pesquisas são resultados das ações humanas, estes devem estar integrados com a sociedade, promovendo inovações, colocando-se à frente do seu tempo. Nesse cenário, a “aquisição de novas habilidades, que inclui hoje o uso das tecnologias, entendimento científico, consciência global, e o mais importante, é a capacidade para manter o aprendizado como um processo contínuo, auxiliado pelos conteúdos disponíveis na web” (Oliveira, Rocha, Miranda & Miranda, 2009, p. 330). Essas habilidades são indispensáveis à aquisição de comportamentos infocomunicacionais diferenciados e necessários aos avanços científicos e tecnológicos na contemporaneidade.

Atribui-se a origem e a difusão da nomenclatura de comportamento infocomunicacional às investigações e literatura produzida no contexto lusitano, em especial pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em parceria com o Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. Nesses cenários são desenvolvidos estudos no âmbito do Programa Interinstitucional de Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (ICPD). Tais estudos envolvem abordagens sistematizadas, mediadas pelas tecnologias “em contextos de informação e comunicação na perspectiva das áreas científicas de Ciências e Tecnologias da Comunicação, Ciências da Comunicação e Ciência da Informação” (Costa & Ramalho, 2019, p. 139).

Em virtude da relevância deste estudo para as áreas científicas, cenários desta investigação, apresenta-se nas seções seguintes a metodologia empregada para o desenvolvimento desta pesquisa, bem como os resultados e discussões realizados sobre o comportamento infocomunicacional dos cientistas da informação brasileiros e portugueses, destacando as potencialidades desses ambientes como meios propícios ao diálogo, à interação com os alunos, à disponibilização de materiais e ao acompanhamento das aulas. Ademais, ressaltam-se a socialização e a divulgação do conhecimento científico produzido em acesso aberto, priorizando a democratização desse conhecimento gestado em um espaço público. Finaliza-se com

as considerações finais e com a apresentação das referências, que deram subsídios para a base teórica desta comunicação.

2. METODOLOGIA

Para o desenho desta investigação, de acordo com o objetivo delineado, optou-se pelo estudo de caso múltiplos de natureza qualitativa, enquanto método de pesquisa, assim como foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, uma vez que buscou-se compreender os conteúdos coletados por meio da realização de entrevistas, em conformidade com as respostas dos inquiridos, relacionada à categoria comportamento Infocomunicacional e às subcategorias elencadas na Tabela 1 (Amado, 2014).

DIMENSÃO	CATEGORIA	SUBCATEGORIAS
Docentes/Investigadores e Coordenadores	Comportamento Infocomunicacional	Partilha, colaboração e participação; Uso das ferramentas infocomunicacionais

Tabela 1: Categorias e subcategorias de análise

A análise de conteúdo efetuada realizou-se em etapas, organizadas “em torno de três polos cronológicos” com as devidas adaptações, baseadas na proposta de Bardin (2014, pp. 121-127): pré-análise, exploração do material, categorização e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Os dados foram coletados por meio das entrevistas semidiretivas, realizadas com coordenadores e diretores dos programas de pós-graduação das áreas de Ciências da Informação e Documentação, selecionados e vinculados às IES Públicas localizadas no Brasil e em Portugal.

Para a definição do *locus* desta investigação foi realizado um levantamento das Escolas de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação com pós-graduação no Brasil, no site da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN). Em Portugal, esses dados foram levantados tomando-se como referência o site da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentação (BAD).

Para tanto, optou-se pela seleção de 18 programas de pós-graduação das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação vinculadas às IES no Brasil e cinco programas de pós-graduação da área de Ciências da Informação e Documentação em Portugal. A escolha desses programas de

pós-graduação na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação, vinculadas às IES Públicas, justifica-se pelo fato de estes terem reconhecimento nacional, já que estão creditados pelas agências nacionais de formação pós-graduada no Brasil (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES) e em Portugal (Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior – A3ES). Ademais, correspondem à maioria dos programas existentes pertencentes às universidades públicas e representam a Ciência da Informação, a Documentação e a Biblioteconomia nos dois países.

Desse modo, dos programas selecionados acima citados, foram efetuadas entrevistas com 11 coordenadores brasileiros e cinco portugueses. No entanto, para o desenho desta comunicação, foi realizada uma análise na íntegra dos discursos emanados por três representantes do contexto brasileiro e três do contexto português, referente à categoria comportamento infocomunicacional (Tabela 1). Enfatiza-se, ainda, que essas entrevistas com os coordenadores brasileiros foram realizadas no período de abril de 2016 a outubro de 2017. Já com os portugueses, no período de novembro de 2016 a junho de 2017. O tempo de realização das entrevistas com esses coordenadores e diretores levou em média entre 40 minutos a 1 hora e 20 minutos, gravadas com um gravador digital.

Na seleção dos programas de pós-graduação brasileiros e portugueses, priorizaram-se aqueles que pertencem às instituições de ensino superior públicas e que implantaram a pós-graduação no Brasil e em Portugal. Da mesma forma, foram incluídos os que estão acompanhando a evolução dessa ciência nesses países, contribuindo para a ampliação da produção científica gerada e priorizando a inter e a transdisciplinaridade.

Salienta-se que esta investigação faz parte de uma pesquisa de doutoramento mais ampla, já finalizada, realizada no período de fevereiro de 2015 a novembro de 2018 na Universidade de Aveiro, Portugal. A pesquisa tem como título “Internacionalização e visibilidade da comunidade científica da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (Brasil e Portugal)”. Para tanto, além das entrevistas semidiretivas já mencionadas com os coordenadores e diretores dos referidos programas, foi aplicado um inquérito por questionário, composto de 27 questões de múltipla escolha, disponibilizado em uma plataforma online e destinado aos docentes e investigadores vinculados a esses programas, população-alvo deste estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e as discussões apresentadas nesta seção foram organizados em conformidade com as categorias e subcategorias elencadas na Tabela 1. Assim, apresentam-se e argumentam-se os discursos emanados pelos atores protagonistas nos processos de ensino e investigação, nos contextos brasileiro e português, das áreas de Biblioteconomia, Ciências da Informação e Documentação. Esses atores são aqui representados pelos docentes/investigadores e coordenadores/diretores das pós investigadas, que serviram de cenário para esta investigação, conforme descrito na seção de metodologia deste artigo.

Os protagonistas deste estudo são majoritariamente doutores e pós-doutores, possuem larga experiência nas áreas científicas citadas acima, tanto no Brasil quanto em Portugal, seguem desenvolvendo projetos inter e transdisciplinares com várias áreas do conhecimento, como as Ciências da Comunicação, Ciência da Computação, História, Filosofia, Letras, dentre outras. Além disso, ministram cursos, publicam artigos e formam grupos de pesquisa em parceria com essas áreas por meio do estabelecimento de convênios, acordos e parcerias com várias instituições locais, regionais, nacionais e estrangeiras.

Desse modo, relativamente à categoria comportamento infocomunicacional, no que se refere às subcategorias base de dados, bibliotecas digitais, repositórios científicos, plataformas de gestão de aprendizagem, entre outras, questionou-se aos entrevistados brasileiros sobre quais dessas ferramentas são disponibilizadas ao corpo docente/investigadores dos programas que coordenam, como suporte às suas atividades de ensino e investigação. Os entrevistados brasileiros A, B e C elencaram as seguintes ferramentas: portal CAPES (bases de dados nacionais e internacionais); bibliotecas digitais; repositórios científicos; plataformas de gestão de aprendizagem (Moodle); Google; videoconferência, entre outros.

Os entrevistados brasileiros afirmaram também que essas tecnologias são disponibilizadas pelas universidades e, em alguns casos específicos, como destaca o entrevistado A, são oferecidas pela Biblioteca Central da Universidade. O entrevistado B destacou o uso do Moodle como uma ferramenta de auxílio ao desenvolvimento das disciplinas, à interação e à disponibilização dos materiais aos alunos. O entrevistado C acredita que, em maior ou menor proporção, dependendo de cada professor, “varia o uso dessas ferramentas digitais como bases de dados como suporte à prática das disciplinas”.

Ainda em relação aos tipos de ferramentas infocomunicacionais utilizadas pelo corpo docente/investigadores dos programas de pós-graduação, os entrevistados portugueses A, B, e C apontaram que, dentre as mais utilizadas, encontram-se: repositórios institucionais, bases de dados científicas, correio eletrônico, Skype, B-On (Biblioteca Online do Conhecimento); e Moodle. Destacaram que todas essas ferramentas são disponibilizadas pelas universidades e bibliotecas, nas quais os programas estão vinculados.

No que se refere ao contributo dessas ferramentas em ambientes de ensino e investigação, e quanto ao papel do professor enquanto mediador desse processo, o entrevistado português A afirma que a “validação de pares científicos é o que privilegiamos exatamente para os alunos compreenderem como nós iremos conceber com o saber, com o conhecimento, quando de alguma forma a legitimidade das fontes que nós estamos a usar é absolutamente fundamental para o que construímos”. Isso demonstra o valor e a relevância do conhecimento científico produzido na Academia.

Esse mesmo entrevistado destaca ainda que, no processo de ensino e aprendizagem, é fundamental que o professor estimule a criticidade do aluno. Isso só é possível a partir do momento em que estes se deparam com a leitura de materiais altamente qualificados, produzidos pelas comunidades científicas. Trabalha-se com o intuito de “na prática do ensino e pesquisa, as boas práticas, de convívio entre os docentes e os estudantes, como espaços de grande discussão, e aproveitamos também a sala de aula para validar as fontes para formação do conhecimento, aonde a própria turma vai ter esse papel crítico”.

O entrevistado também argumenta que a *mais-valia* das práticas colaborativas mediadas pelas tecnologias propiciam o diálogo, o encontro e a geração de confiança entre alunos e professores para além da sala de aula. Pondera que “as pessoas que já tem uma confiança construída na própria sala de aula essa intermediação é perfeitamente linear, não tem registro que se constitui como problema e a perceber, eu diria que é dá a conhecer o que estamos a fazer que é uma coisa que tentamos fazer para nossos alunos”. O entrevistado C destaca que, na universidade onde o programa que coordena está vinculado, os professores são mais convencionais e preferem as plataformas de gestão de aprendizagem e as bases de dados em detrimento das redes sociais.

Dando seguimento, no que se refere às ferramentas infocomunicacionais empregadas como ambientes online que potencializam a interação, partilha e colaboração científica entre pares no Sistema Científico Global, o

entrevistado brasileiro A sublinhou a utilização de videoconferências para reuniões e realização de bancas para defesas de trabalhos acadêmicos. Já o entrevistado B ressalta que a utilização de determinadas tecnologias em ambientes acadêmicos depende das iniciativas individuais de cada professor, das suas redes de relações internas e externas, pois não existe nenhuma orientação institucional para o desenvolvimento dessas ações. Esse entrevistado frisa que “nós temos o WhatsApp do pessoal do nosso programa, agente troca informações, dá dicas uns com os outros, nos comunicamos, agora o que cada um faz, agente não tem muito conhecimento, então cada professor tem suas conexões, inclusive com pessoas de fora, mas não é um canal institucional, são canais pessoais desenvolvidos por cada professor”.

O entrevistado C pontua que na pós que coordena os professores utilizam as redes sociais, mas que tudo é ainda muito novo. Contudo, ele destaca que, para utilização de algumas ferramentas, há a necessidade da aquisição de licença e, nesse momento, eles não dispõem de verbas para esse tipo de aquisição, sobretudo pelas dificuldades financeiras enfrentadas pelo Brasil. O entrevistado afirma que eles possuem uma sala de videoconferência, mas essa sala “é ponto a ponto, então eu só consigo discutir com um grupo aqui. Por exemplo, com alguém que está na França e com alguém que está na Inglaterra eu não consigo, porque eu terei que ter uma sala multipontos, e eu não tenho... Mesmo assim, diante de todas essas dificuldades, “nós temos pesquisado várias dessas ferramentas, mas todas elas têm custo e com o governo falido agente não tem apoio, e a universidade mais ainda”.

Na visão do entrevistado português A, não existe nenhum tipo de empecilho para o uso das ferramentas infocomunicacionais para fins de partilha, interação e colaboração científica. Elas são utilizadas de forma tranquila, especialmente após a construção entre pares de uma relação de confiança. A partir daí, segundo ele, as coisas decorrem naturalmente pela “vontade em comunicar com o meio acadêmico. Precisamos de um artigo, de uma opinião, mas normalmente essas coisas têm outra força, tem outra empatia e estamos a falar da relação dos seres humanos, quando está dentro de um quadro de confiança já estabelecido, portanto normalmente a rede se desenvolve por aí”.

O entrevistado português A argumenta ainda que, estabelecidas as parcerias, vêm outras questões relacionadas às formas como é feita a comunicação com os profissionais oriundos de países como o Brasil, Estados Unidos, França e demais continentes europeus. Para isso, são utilizados vários canais de comunicação, como o Skype, chats, dentre outros.

Acerta-se, assim, o fuso horário, que, às vezes, é um problema a ser resolvido. Ademais, tudo corre sempre a contento “numa dimensão gratuita dos instrumentos que usamos pelo menos aqui que eu conheça não temos normalmente grandes preocupações. Não temos que pegar licenças para isto, a dimensão gratuita desses instrumentos é suficiente para nós fazermos o nosso trabalho com ele”.

Outra questão de extrema pertinência levantada pelo entrevistado português A faz referência às potencialidades oferecidas pelas ferramentas tecnológicas, como os mecanismos que possibilitam, em nível mundial, a divulgação da produção científica desenvolvida pelos cientistas em vários pontos do globo terrestre. Isso se transforma em visibilidade, que se reveste em valorização e reconhecimento tanto para os cientistas quanto para as IES nas quais estão vinculados. Em outras palavras, sublinha-se “a capacidade de conseguir mostrar ao mundo do que somos capazes de fazer, aquilo que eu tenho escrito, aquilo que eu tenho mostrado e as suas recompensas, dos seus saberes. E são as tecnologias, as redes muito específicas que existem hoje, redes sociais que nos ajudam a promover o nosso trabalho, esta é uma prática nossa também”.

Já o entrevistado B realça que cada docente/investigador estabelece as suas estratégias para utilização das redes sociais, entre elas os mecanismos de divulgação das suas atividades e os produtos científicos. Agora, o “uso do repositório institucional passou a ser uma exigência no âmbito do processo de avaliação do desempenho” na sua IES. O entrevistado C frisa que “não existe nenhuma formalização institucional relativamente a isso”. Ele acredita que a maioria dos seus colegas não possui perfil em redes sociais acadêmicas. Alguns possuem seu currículo no DeGóis.

O entrevistado C também destaca que possui perfil no ResearchGate e currículo no DeGóis, porém não estão atualizados. Ele confirma as potencialidades desses mecanismos para “fomentar e divulgar o trabalho de investigação, criar redes de contatos”. Porém, precisa demandar tempo para investir “nessa matéria, digamos que esse é um dos meus objetivos, justamente investir na minha presença nessas redes sociais” (entrevistado C).

Os resultados demonstram que os entrevistados apresentam comportamentos infocomunicacionais diferenciados, sobretudo no que refere aos usos que fazem dos ambientes digitais. Desse modo, utilizam algumas redes sociais e/ou redes sociais acadêmicas, dentre outros ambientes digitais para comunicação, partilha de informações e conteúdos entre pares, divulgação das suas publicações científicas, e agendamento das atividades a serem desenvolvidas em ambientes de ensino e investigação.

No entanto, essas são ações isoladas, pois ainda não existe a cultura do debate entre pares sobre os benefícios desses ambientes para a divulgação/difusão da produção científica gerada, assim como para a realização de outras atividades características dos ambientes acadêmicos e científicos. Os entrevistados salientam que esses mecanismos na contemporaneidade são fundamentais como fontes de pesquisa, troca de informações e ideias, compartilhamento de saberes entre docentes/investigadores e docentes/investigadores/discípulos, além de alargarem o acesso à informação e as suas redes profissionais e científicas. Outrossim, otimizam o fluxo da produção científica entre pares, possibilitando um maior aprendizado coletivo.

Infere-se, a partir das falas dos entrevistados, que as ferramentas tecnológicas possibilitam inovações metodológicas no ato de ensinar e pesquisar, propiciando a ligação entre docentes/investigadores, permitindo a transformação das práticas de colaboração e cooperação, e gerando visibilidade do trabalho acadêmico e científico desenvolvido. Tais ferramentas também potencializam o aumento do capital social desses indivíduos e criam valor no seio das comunidades científicas investigadas.

Em síntese, essas ações favorecem o estabelecimento de parcerias entre instituições de ensino e investigação, acarretando avanços para a ciência e desenvolvimento das Instituições de Ensino Superior (IES), universo deste estudo.

4. CONCLUSÕES

De acordo com o objetivo proposto para este estudo e em consonância com os resultados apresentados, infere-se, a partir do olhar dos coordenadores/diretores das pós, cenário desta pesquisa, que, em maior ou menor proporção, existe a utilização dos mais diversificados tipos de ambientes digitais na comunidade investigada. Essa utilização destina-se ao desenvolvimento das suas atividades de ensino e investigação.

Nesse sentido, coordenadores/diretores utilizam os mais diversificados tipos de ambientes digitais para o diálogo, interação com os alunos, disponibilização de materiais, realização de reuniões, defesas de trabalhos acadêmicos, acompanhamento das aulas e troca de informações com os pares em nível nacional e internacional.

Os entrevistados destacaram ainda que, institucionalmente, não existe nenhuma orientação formal para a utilização desses recursos. Assim, cada docente/investigador adota individualmente os recursos conforme as

suas necessidades. Vale ressaltar que há aqueles que estão mais familiarizados, muitas vezes porque o seu grupo faz uso, o que acaba gerando uma dinâmica partilhada pelo coletivo.

Os gestores de algumas das pós analisadas, no contexto brasileiro e português, frisaram que existe uma diversidade de ambientes digitais que apoiam as ações de ensino e investigação disponibilizadas gratuitamente, assim como laboratórios e salas de videoconferência. Dentre os ambientes digitais mais citados, encontram-se o portal CAPES, B-On, RCAAP, repositórios institucionais, bibliotecas digitais, dentre outros.

Os gestores das pós investigadas salientam que possuem plena consciência dos pontos fortes e fracos existentes nos cenários em que atuam sobre o uso mais intenso dos ambientes digitais. Nesse caso estão incluídas as limitações financeiras enfrentadas na atualidade pelas IES brasileiras.

Essas mudanças ocorrem na medida em que vivenciam outras realidades e adquirem *know-how*, para além de observarem as boas práticas, as quais são necessárias para pensar a tecnologia como um meio fundamental ao desenvolvimento científico e tecnológico das áreas em que atuam. Assim, a mudança comportamental ocorre à medida que os objetivos e metas a serem alcançadas são direcionados ao trabalho coletivo em rede, estabelecido pelo diálogo, e à construção de uma relação de confiança mútua entre todos os atores responsáveis pelo desenvolvimento educacional, social, científico, tecnológico de uma nação, nos mais variados ambientes científicos e acadêmicos.

REFERÊNCIAS

- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- Bardin, L. (2014). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Borges, J. & García-Quismond, M. Á. M. (2015). Competências infocomunicacionais para acesso e uso da informação. Organización del conocimiento: sistemas de información abiertos. *Actas del XII Congreso ISKO España y II Congreso ISKO España y Portugal*, 1-10. Retirado de <http://www.iskoiberico.org/congresos/murcia-2015/>

- Costa, L. F. & Ramalho, F. A. (2019). Comportamento infocomunicacional: perspectivas sobre definição, práticas e modelos de estudos. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 15(2), 133-158. Retirado de <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1162>
- Lima, J. B. & Brandão, G. S. (2016). Análise das competências infocomunicacionais a partir da metaliteracy: um estudo com arquivistas. *Ciência da Informação*, 45(2), 15-25. Retirado de <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/3798>
- Oliveira, L. D., Rocha, R. P., Miranda, M. & Miranda, A. (2009). Web social: impacto no comportamento informacional na produção de conhecimento. *IV Encontro Ibérico EDIBCIC*, 325-338. Retirado de <http://eprints.rclis.org/23100/>
- Pretto, N. D. L. & Riccio, N. C. R. (2010). A formação continuada de professores universitários e as tecnologias digitais. *Educar em Revista*, 26(37), 153-169. Retirado de <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/19144>

Citação:

Ribeiro, R., Oliveira, L. & Furtado, C. (2019). Comportamento infocomunicacional em ambientes digitais. In S. Pereira (Ed.), *Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 5.º congresso* (pp. 340-351). Braga: CECS.